

ERRATA - Belo Horizonte, dezembro de 1997.

Na edição da Revista Trabalho & Educação n.º 1, deixamos passar alguns erros, mesmo após inúmeras revisões. Alguns erros são de digitação, outros correspondem a dados de identificação do texto ou do autor. Priorizamos alterar os dados de identificação do texto ou do autor por entendermos ser impossível corrigir todos os erros de digitação. O leitor poderá observar que as incorreções não comprometem o conteúdo dos artigos. Publicamos essa errata, como encarte da edição da revista n.º 2, esperando reparar parte desse nosso deslize.

Comitê Editorial da Revista Trabalho & Educação

ERRATA		
PÁGINA.	ONDE ESTÁ ESCRITO	LEIA-SE
04	Este número foi financiado pelas FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) através do Programa de Integração de Pós-Graduação e Graduação (PROIN)	Este número foi financiado pela FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos)
05	Educação, Trabalho, Cidadania, e Qualificação Social Francisca dos Santos	Educação, Trabalho, Cidadania e Qualidade Social Francisca dos Santos Gonçalves
06	Projetos em disputa: empresários trabalhadores, trabalhadores e a formação profissional.	Projeto em disputa: empresários, trabalhadores e a formação profissional.
48	Francisca dos Santos Educação, Trabalho, Cidadania, e Qualidade Social	Francisca dos Santos Gonçalves Educação, Trabalho, Cidadania e Qualidade Social
49	GONÇALVES, Francisca dos Santos. O conhecimento articulado ao trabalho e à vida. São Paulo- FAE- USP, 1996. (Tese, Doutorado em Educação)	excluído
14, 57, 76, 92, 129	Résumé	Resumée
14, 57, 76, 92, 129	Résumé	Abstract
113	Projetos em Disputa: Empresários Trabalhadores, Trabalhadores e a Formação Profissional.	Projeto em disputa: empresários, trabalhadores e a formação profissional.
193	GONÇALVES, Francisca dos Santos. O conhecimento articulado ao trabalho e à vida. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1996 (Dissertação, Mestrado em Educação).	GONÇALVES, Francisca dos Santos. Vida, Trabalho e conhecimento; metodologia para a elaboração coletiva e interdisciplinar do conhecimento fundado no trabalho como princípio educativo - uma contribuição para a formação do professor. São Paulo: FEUSP, 1995) (Tese, Doutorado em Educação) Orientador: Dirceu Ricci de Carvalho
196- linha	Terceira (Dissertação, Mestrado em Educação)	(Tese de Doutorado em Sociologie, changements, crises, mutations).

Conceição Clarete Xavier

A Formação Dos Educadores Face à Globalização e à Velocidade Das Transformações Culturais, Científicas e Tecnológicas¹



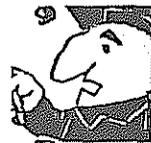
Professora Assistente e Coordenadora
do Colegiado Especial das Disciplinas
Pedagógicas da FAE-UFMG

Apes
Com
das
estab
Ora,
Dian
Qua
as ir
rele
Prim
glot
hurr
É un
a ex
Aqi
rect
Ala

Gilberto Gil cantava em Lunick 9, na década de 70: "Poetas, seresteiros, namorados, correi, é chegada a hora de escrever e cantar, talvez, as derradeiras noites de luar..."

Apesar dos temores, o luar continuou iluminado,

"os acontecimentos que se precipitaram e as nossas categorias se tornaram pobres para entendê-los: Queda do muro de Berlim, fracasso do socialismo real, fundamentalismo iraniano, AIDS, neonazismo, intolerância étnica... Implosão dos grandes sistemas, dos modelos, dos blocos. Fragmentação a que se deu o nome de pós-moderno. Nome vago, que anuncia que algo foi ultrapassado, que estamos em outro momento, embora não saibamos exatamente qual e o que isto significa".³



Com o advento das novas tecnologias, do inexorável processo de globalização e das inerentes transformações culturais assistimos à deterioração dos modelos estabelecidos, das verdades incontestes, é a crise dos paradigmas!!!

Ora, a educação estando ligada ao conhecimento que diz respeito à

"(...) formação do homem tendo em vista um modelo, um paradigma",⁴ fica desorientada no momento em que este modelo é posto em questão.

Diante desta desorientação, desta esquizofrenia, deste vazio, nos questionamos:

Qual deverá ser o educador que torna-se importante formar? Que tipo de educador as instituições deverão ter compromisso de formar? Quais as categorias de análise relevantes para um aprofundamento da questão?

Primeiramente, torna-se necessário, fazer algumas reflexões sobre o impacto da globalização, das transformações científicas, tecnológicas e culturais sobre a humanidade:

É uma globalização que cada dia mais estabelece uma "terceiro-mundização" com a exacerbação da dicotomia mundo rico/mundo pobre.

Aquele é o mundo do imperialismo econômico e até bélico este é o mundo da recessão, dos miseráveis, desempregados, famintos, excluídos, dos explorados...

Alain Touranié, em recente artigo na Folha de São Paulo, observa que

"vivemos ao mesmo tempo o fim dos impérios e a ascensão de novos nacionalismo estribados nas classes populares que se sentem excluídas, marginalizadas ou exploradas

pelo triunfo da economia globalizada e o crescente dualismo social (gritos nossos) por ela desencadeado na maioria dos países”⁵

Por outro lado, velocidade das transformações científicas e tecnológicas inseridas nos processos de produção rumo à crescente produtividade leva Fidalgo (1996) a afirmar:

“O desenvolvimento capitalista tem acelerado o movimento e encurtado os ciclos de qualificação, maturação e obsolescência das profissões. No caso do processo de profissionalização dos professores, é preciso pesquisar como estes enfrentam o fenômeno.”⁶

É neste contexto que vamos pensar a formação do educador. Ora, colocam-se, então, como questões fundamentais:

Educação a favor de quem? Como educar nos novos tempos? Educar para que?

e concomitantemente, deve-se pensar a formação do educador a favor de quem?

O “novo educador” estaria comprometido com que educação? A favor de quem?

Insistimos: Educar para que? Com qual pedagogia?

Deste modo, podemos pensar a formação do educador tanto do ponto de vista daquele que vai educar como de quem vai se educar no processo e se inserir enquanto trabalhador no mercado de trabalho.

ESTEVE (1991) no artigo Mudanças Sociais e Função Docente, no capítulo “A formação de professores perante a aceleração da Mudança Social” aponta, que para a formação docente desenham-se grandes linhas de ação destacando em uma substituição de abordagens normativas, orientadas por um modelo de professor eficaz ou bom para as abordagens descritivas onde “considera-se que o êxito na docência depende de uma atuação correta do professor que responda ao conjunto dos condicionantes que influam na interação professor-aluno”⁷

Fariamos alguns questionamentos: Que condicionantes seriam esses? Estaria se pensando em educar o sujeito para que a sua inserção no mundo do trabalho se desse de forma eficaz, sem conflitos? Mas essa eficácia estaria voltada para quê? Para uma maior consolidação e homogeneização das formas atuais de exploração?

Estaríamos preparando o educador para que fosse o porta-voz da “nova pedagogia do capital”? Uma pedagogia a cada dia mais voltada para a apropriação do tempo de trabalho e para o aumento da produtividade?

Fala-se
parece
novam
horizo
capital

Não ir
“Qual
de mo
um ex
maten
justifi

É na f
apren
Ora!!
dócei

Em o
traba

É o c
sobre

KLU
com
carac
com
cená

E ma
e pr
aper

Fala-se hoje num “novo educador”, voltado para uma “nova sociedade”, mas, parece-nos que o novo carrega as vestes do velho pois salta-nos diante dos olhos novamente a adequação do sistema escolar ao sistema econômico, tendo-se como horizonte o estabelecimento de relações voltadas para a mesma exploração capitalista!

Não importa, de que modo seja nomeado: pode ser a “Qualidade Total” ou outras “Qualidades”, mas, continuamos assistindo à mesma exploração, à mesma tentativa de modelagem do sistema educacional às exigências impostas pelo capital. Vejamos um exemplo: dentro do programa apresentado pelo Estado (1994) para o ensino de matemática (5ª a 8ª série) a fala do presidente da Mercedes Benz é citada para justificar a aprendizagem:

“Todos sabem que um trabalhador culto e esclarecido é mil vezes mais produtivo (grifos nossos) (Sic!!) do que um escravo”. (P.32).

É na fala e na lógica provenientes do capital que justificaremos a necessidade de aprender?

Ora!!! A educação/educador deverão estar a favor de quem? Vamos formar sujeitos dóceis à exploração?

Em outra vertente, os “novos educadores” serão absorvidos por um mercado de trabalho em consonância com o atual modelo econômico onde:

“Para além da aulas, devem desempenhar tarefas de administração, reservar tempo para programar, avaliar, reciclar-se, orientar os alunos e atender os pais, organizar atividades várias, assistir seminários e reuniões de coordenação de disciplina, porventura mesmo vigiar edifícios e materiais, recreios e cantinas”⁸

É o controle do tempo... a nossa velha e conhecida exploração da mais-valia, do sobre trabalho... O velho travestido de novo...

KLUGMAR⁹ (1979) identifica a falta de tempo tão característica do novo indivíduo, como a causa do seu esgotamento. Esta seria apenas uma dentre as várias características do “mal estar docente”.¹⁰ Este, perante as mudanças sociais, sentese como um ator que continua vestido para uma peça de determinada época num cenário, onde por equívoco, se muda o pano de fundo.¹¹

É mais ainda: no cenário onde se movem os professores são vedados procedimentos e propostas que se movam em direção à produção do conhecimento este deve apenas ser distribuído.

ESTEVEES conclui: "A fragmentação do trabalho do professor é um dos elementos do problema da qualidade no sistema de ensino, paradoxalmente numa época dominada pela especialização"¹²

Entretanto, queremos ser portadores da esperança, da crença em novos e desafiantes caminhos, mesmo diante da "potência constantemente crescente da tecnologia e o impoder manifesto das coletividades humanas contemporâneas"¹³

Acreditamos que o potencial humano possa estar voltado a favor da criação de uma outra forma de encarar o trinômio ser/ensinar/aprender, dentro de uma outra lógica, que seja, contrária à exploração e à expropriação do trabalhador.

Queremos crer num novo educador, arquiteto de "relações sociais do tipo novo"¹⁴ negando dialeticamente antigos paradigmas e construindo uma nova educação com base na solidariedade e na igualdade,

Assim esperamos! Teca¹⁵

1 Texto elaborado para a mesa redonda realizada no Primeiro Encontro Mineiro de Formadores de Educadores promovido pela DEMEC e FAFI/BH em Belo Horizonte no período de 28/29 setembro.

2 Professora assistente FAE/UFMG e Coordenadora do Colegiado Especial das Disciplinas Pedagógicas da FAE/UFMG.

3 C.f. GARCIA, Pedro B. Paradigmas em Crise e a Educação. *A crise dos Paradigmas e a Educação*, Zaia Brandão org - São Paulo, Cortez, 1994, p.58.

4 Idem, *ibidem* p.58.

5 C.f. TOURAINE, Alain, *Ambigüidades do nacionalismo*, Folha de São Paulo, 25.08.96. p.11.

6 C.f. FIDALGO, Fernando S. *Trabalho e Carreira Docente - Contribuições teórico-metodológicas* in *Trabalho e Educação*. Revista do NETE - jul/dez/1996 n° 0 p. 100.

7 C.f. ESTEVE, José M. Org. Antônio Nóvoa. *Profissão Professor, Mudanças Sociais e Função docente*. Porto Editora, 191. p.118.

8 Idem, *ibidem*. p.108.

9 Citado por Esteves, Idem, *ibidem*. p.108

10 Idem, *ibidem*. p.97

11 Idem, *ibidem*. p.97

12 Idem, *ibidem*.

13 C.f.
Terra,
Paradi

14 SA
Revist

15 Ag
pedagi

13 C.f. CASTORIADES, C. O Mundo Fragmentado - As encruzilhadas do Labirinto. Paz e Terra, Rio de Janeiro; Citado por Garcia, Pedro B. Paradigmas em Crise e a Educação. A crise dos Paradigmas e a Educação, Zaia Brandão org - São Paulo, Cortez, 1994, p.58.

14 SANTOS, Oder J. A questão da produção e da distribuição do conhecimento. Educação em Revista Ano I nº 2. Dez/85. p.4-7.

15 Agradecemos profundamente ao Prof. Dr. Oder José dos Santos, um construtor de novas relações pedagógicas, as contribuições dadas à elaborações desse trabalho.

